

Crónica literária

Alentejo não tem sombra...

Num dos poucos repositórios de quadras do nosso povo, não sei se nas "Mil Trovas" coligadas por Alberto de Oliveira, se no "Cancioneiro Popular" de Teófilo Braga, encontrei algumas das que constituem o "folklore" da charneira alentejana, uma das quais abre por este verso:

"Alentejo não tem sombra".

E' a provincia alentejana uma charneira, imóvel e silenciosa, uma planura monótona e triste, uma stepe rasa e seca, onde a orografia se concentra e unifica, em acanhado relevo, nos distritos de Évora e Portalegre, e onde os trigais são oásis de alguma vida e de alguma alegria, por entre as oliveiras e azinholas, sôbros e estevas.

Uma secura imensa de paisagem, uma aridez forte dos montados e—como consequência lógica, imediata, invariável—um sentimento de profunda melancolia nas canções regionais. E' que o "folklore" de todas as nossas regiões típicas, modalidades apartadas de umas para as outras, são o reflexo mais perfeito, a expressão mais completa, o desenho mais correcto das características especiais dessas mesmas regiões, no bulício natural das gentes, na elegria dos trajazes, na vivacidade das cores e formas das habitações campestres e das casas aldeãs, no ruído das festas das colheitas, das debulhas e das vindimas, na perspectiva identificadora do local, na intensidade da vida pastoril.

O Alentejo mereceu ao sr. António Arroio que se afirma conhecedor de assuntos ritmicos, esta definição: "canção lenta, profunda, triste; danças rudes, por vezes vivas e alegres." E' uma definição que me parece insuficiente, que pouco diz.

Lembra-me agora—vai para uns seis meses—ter illustre o compositor e professor do Conservatório do Porto sr. Armando Leça realizado, na Academia dos Amadores de Música uma curiosíssima conferência, acompanhada de demonstrações musicais, acerca dos diferentes géneros de "folklore" nacional. O Alentejo também tomou parte no cortejo, com a melancolia, preta e doce, dos seus cantares de tristeza e de festa.

Ficando a planície desolada e pobre do Alentejo entre as campinas verdejantes e graciosas do Ribatejo e os pomares opulentos e irrequietos do Algarve, o "colarinho" do Alentejo não encerra equiparidade de alegria e movimento de cor em relação ao "fandango" do Ribatejo e ao "mexidinho" do Algarve. O Alentejo, triste na paisagem, é triste na canção.

Mas eu não conheço "de visu" e "in loco" a provincia alentejana; conheço-a tão sómente: das conferências ouvidas e dos livros lidos. E o Alentejo presta-se admiravelmente a optimos temas de literatura, pelo seu índice de sugestão e mistério.

Enteneceu o conde de Monsaraz, o poeta da "Musa Alentejana", volume todo sugerido—diz Mendes dos Remedios—pela região a que se orgulhava de pertencer.

Encantou D. João da Câmara, escritor que nas peças dramáticas, de cunhada psicologia, "Os velhos" e "A triste viuvinha" deixou muito do seu amor ao Alentejo. No 1.º acto de "Os velhos" quem há não se comova ao ouvir cantar aquela quadra:

Não te cases, não, cachopa
São João espera o teu bem.
E' esp'rar, é esp'rar, cachopa,
São João do ano que vem.

Em várias situações dessa comédia surge o mofoinho como um "leit motiv" e na "Triste viuvinha" lá se acentua: "aquele mofoinho a viver, que tristezinha".

O Alentejo também foi adoptado por Fialho que dele nos dá soberbas e formosas páginas, de tragédia intensa, de grande descriptivo, em trechos dos volumes "A' esquina" e "Pais das uvas", nos quais surgem de onde em onde "colhendo a dente, com mimo, as herbagens razas do solo".

E agora, no livro ultimamente editado pela casa Quimaries & C., que gentilmente me ofereceu, com o título "Quadros alentejanos", o dr. sr. Brito Camacho, a quem a politica não nos deixava desvendar todo o seu valor de plúmbeo, encontrei alguns momentos de leitura branda, expressiva e—por assim dizer—alentejana. Quadros que são todos pintados pela mão dum mestre da prosa. Quadros que nos dão a realidade da vida humilde daquela gente, rude e simples. Quadros que passam diante do "ecran" da minha retina de emoção, como contos maravilhosos teatralizados entre montados, trigais e estevas. Quadros que quadram bem no caixilho infinito dos horizontes largos da paisagem alentejana e na moldura, desataviada de embutidos e ornamentaria cara, do nosso museu de literatura contemporânea.

Adolfo de CASTRO

Universidade Popular Portuguesa

Na próxima terça-feira, 27, às 21 horas, na Universidade Popular Portuguesa, Rua Particular à Rua Almeida e Sousa, à Estrela, realiza uma conferência o sr. José Carlos de Sousa, que fará algumas considerações sobre a situação da mulher através dos tempos. Em seguida haverá sessão cinematográfica educativa.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 17 desta revista intitulada **Amor maldito**, de **Federico Urales**. Preço, \$50.—Pedidos à administração de **A Batalha**.

Atitude da Federação Marítima

Os marítimos da Foz do Douro tomam resoluções

FOZ DO DOURO, 23.—Em assembleia geral, reuniu esta classe para tratar, entre outros assuntos, da atitude da Federação Marítima.

Foi discutida uma censura que contra Manuel Gomes de Matos fôra exarada na aula, em virtude de ter constado à classe que aquele militante não tivera a energia suficiente para responder, como devia, aos delegados da Federação Marítima quanto às resoluções da sua classe em face do conflito latente, possivelmente transgredindo com esses delegados até que se efectuasse nova assembleia.

Manuel Gomes de Matos deu amplas explicações, segundo as quais aquela camarada declarou não proferir quaisquer palavras que prejudicassem a moral e a orientação dos marítimos da Foz do Douro e, portanto, das suas deliberações. Tudo quanto os referidos delegados da Federação Marítima disseram em contrário a seu respeito, reputa da mais absoluta falsidade, pelo que lavra o seu mais veemente protesto contra os orientadores da Federação Marítima.

Em consequência destas explicações, a assembleia, depois de falarem vários oradores, resolveu levantar a censura em questão, continuando Manuel Gomes de Matos a reter toda a consideração à classe, que repudia todas as manobras dos políticos da Federação Marítima.

A seguir, foi debatida a pretensão que os pilotos da barra têm em baixar os salários dos marítimos, sob o pretexto de que o governo lhes baixou as tabelas, esquecendo-se os pilotos de que, quando lhes subiam as mesmas tabelas, não distribuíam esses benefícios pelos seus assalariados.

Após longa discussão, foi aprovada a seguinte moção:

Considerando que o procedimento da corporação dos pilotos da barra do Douro, pretendendo abater os já magros salários dos sócios desta classe, apenas revela má fé e intuíto inconfessáveis;

Considerando que, no momento em que o governo aumentou os preços em toneladas das embarcações aos referidos pilotos, estes não se dignaram repartir o aumento com os trabalhadores marítimos da Foz, o que nos desobriga de qualquer baixa nesta ocasião; os marítimos da Foz do Douro, reunidos em assembleia geral no dia 19 de Outubro de 1925, resolvem:

1.º Nomear uma comissão de 3 membros com o encargo de procurar, por todos os meios ao seu alcance, que os salários dos marítimos não sejam diminuídos;

2.º Chamar a atenção da Comissão Administrativa da União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais do Norte, para que este organismo, de harmonia com a União dos Sindicatos Operários do Porto, Conselho Inter-Sindical dos Marítimos do Sul e C. G. T., procure levar a bom termo a nossa reclamação;

3.º Ficar em sessão permanente para, em últimas instâncias, resolver o caminho a seguir.

Acêda da circular que o Conselho Inter-Sindical dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais do Centro e Sul enviou aos organismos discordantes da F. M., a assembleia, depois de algumas considerações, aprovou o seguinte documento:

«Os Marítimos da Foz do Douro, reunidos para apreciar assuntos de interesse colectivo, apreciando a circular que o Conselho Inter-Sindical dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais do Centro e Sul lhe enviou resolve responder o seguinte:

1.º Julga a classe completamente suficientes as razões apontadas e, portanto, vota a imediata criação do novo organismo federativo;

2.º Entende também que podem as assembleias gerais dos sindicatos marítimos portugueses apreciar o estatuto do referido organismo; no entanto, julga indispensável a realização dum congresso constitutivo da nova Federação, em momento oportuno.

Em virtude da Junta da Foz do Douro pretender uma quantia verdadeiramente exorbitante pelo terreno ocupado pelas campas das camaradas vítimas do desastre da catraia auxiliar, em 1920, foi resolvido «lamentar tal facto e apenas remir o referido terreno, esperando melhor oportunidade para tomar posse do mesmo sem dispêndio de qualquer importância, visto que logicamente, os trabalhadores nada devem pagar pela terra que ocupam depois de mortos».

Os descarregadores de mar e terra de Leixões dão a sua adesão à União dos Trabalhadores Marítimos

LEIXÕES, 23.—Reuniu esta classe para, entre outros assuntos, apreciar a missão dos seus delegados ao Congresso Confederal e Conferência Marítima, bem como pronunciar-se sobre uma circular dimanada do Conselho Inter-Sindical dos Marítimos do Centro e Sul discordantes da atitude da F. M.

A reunião assistiu o secretário geral da União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais do Norte que para tal fôra convidado. Depois de ter sido dado o devido despacho ao expediente, foi dada a palavra a Joaquim do Carmo, que principiou por fazer votos pela prosperidade daquele Sindicato. Historiou, com clareza, o valor do Congresso Confederal e Conferência Marítima e as vantagens que dessas magnas reuniões advêm para os trabalhadores.

Entre outros usaram da palavra os camaradas Carlos Coelho e Júlio Machado, os quais igualmente exaltaram e historiaram sucintamente, o que em Santarém se passou, sendo, por fim, aprovados por unanimidade os trabalhos realizados no Congresso Confederal e Conferência Marítima, pelos delegados desta classe.

Passando-se à apreciação da circular supramencionada, foi aprovado, depois de breve discussão, uma moção, segundo a qual os descarregadores de terra e mar de Leixões julgam: que são suficientes as razões apontadas, votando, portanto, a imediata criação de novo organismo federativo, que podem os sindicatos marítimos e fluviais portugueses apreciar, nas respectivas assembleias gerais, os Estatutos do referido organismo; que, no entanto, é indispensável a realização no momento oportuno dum congresso constitutivo da nova Federação.

Por último falou o camarada Felisberto Baptista, pela U. S. O. do Porto, sendo o seu discurso uma análise aos actos dos dirigentes da F. M., ouvindo-se vivas à organização operária, C. G. T., **A Batalha**, etc.

Ficou resolvido também que a direcção pague 300\$000 que a classe deve à União dos Trabalhadores Marítimos e Fluviais—C.

INTERESSES DE CLASSE

O Funcionalismo Público desperta para a luta

O Funcionalismo que ultimamente tão silenciosamente se mostrava, apresentando para com tudo uma indiferença bastante comprometedor, volta de novo a dar-nos sinal da sua existência e daí, o facto de em certos meios muito conhecidos começarem de novo também a dar mostras de que não esquecem e não se esquecem e quem sabe mesmo se para isso provar o antigo presidente do ministério e ministro das finanças António Maria da Silva que por ele tem mostrado sempre uma dedicação ilimitada, dêle se ocupou na célebre conferência do Porto.

A existência do funcionalismo que muitos conhecem apenas quando êle se movimenta ou reclama, demasiadas vezes aqui o temos afirmado seria tudo como real e positiva se êle continuasse a movimentar-se e a seriamente impor-se, pois que sendo êle o principal se não o único cooperador do Estado, afoitamente o afirmamos é êle o próprio Estado. O Estado é mau quando o funcionalismo o quer e bom quando o funcionalismo o deseja, pois que êle e não os políticos quem ministra a instrução, quem trata dos transportes, quem dita a Assistência e quem faz a cobrança e gasta as importâncias. Ainda que na maioria dos casos seja o politico quem nessas funções representa o funcionário é contudo a êste que temos de imputar as culpas ou dirigir os elogios e o Estado terá tanto mais resumi-da a sua existência quanto mais perto estiver a intenção do funcionalismo; no dia em que o funcionário queira a vida do Estado estará por completo paralisada sem que com isso sofra e se prejudique a comunidade.

A ocasião que o funcionalismo escolheu para de novo voltar à lita e a dizer que está disposto a lutar para que o considerem e respeitem é de todas a mais própria e certa, tanto mais que aquilo que êle começa por reclamar—equiparação de vencimentos—é tudo quanto há de mais justo e humano, pois de maneira alguma se pode admitir que um Estado que na sua bandeira inscreve a palavra igualdade possa consentir que a favor duns e em detrimento de outros se faça o descarrado dos favoritismos, porque esse favoritismo, não é feito do bolso dêste ou daquele categorizado, como o não é da algaieira dêste ou daquele politico, é feito à custa da miséria e necessidade dum povo que tudo paga e produz, e tão certo disso estão os profissionais da politica, aqueles profissionais que medem os interesses da nação pelo tamanho do seu estômago, que já um dêles, e à maneira de papão terrorista, no Porto foi falando na reorganização de serviços e na redução de funcionalismo.

O movimento que o funcionalismo de novo encetou, quando bem conduzido e tratado, poderia trazer para êste admiráveis benefícios, uma vez que está num momento em que os politicos coiza alguma ouzariam negar-lhe, tanto mais que se dá o caso de êstes o conhecerem como força organizada capaz dos maiores cometimentos.

Na reorganização que para aí anunciam poderia o funcionalismo fazer valer os seus mais importantes pontos de vista tanto mais que antes de tal se iniciar nada mais facil do que procurar saber o que se entende por reorganização de serviços e redução de quadros. Sim! Porque reorganização de serviços não é baralhar, confundir e arranjar nichos para nova legião de afilhados, mas sim colocar os serviços publicos à altura do lugar que devem ocupar; assim como por redução de quadros só posso compreender aquela que efectuando-se quando se verifique que de facto existem funcionários a mais, o que duvido, comee por afastar os proprietários, os industriais, os comerciantes e os reformados de outros serviços do Estado; de contrario não!

Uma redução e reorganização proveitosa só os profissionais dos serviços publicos a podem efectuar; os outros, podem sim, mas decerto com aquela pericia e competência que têm demonstrado noutras occasiões e até em todos os pontos que têm intervido e, de resto, não é para admirar, pois que os mais importantes serviços publicos, como sejam as pastas ministeriaes, têm sido sempre desempenhados por médicos, advogados, militares, proprietários, capitalistas e até por... politicos, o que muito tem contribuido para esta belezza de situação a que temos chegado. Sim! Porque um médico, um advogado ou um militar, a pesar de óptimos profissionais, de maneira alguma poderão dar uns óptimos, ou sequer razoáveis administradores.

E' facto que o funcionalismo também há muito que não é digno da mais leve censura, como por exemplo aqueles que bastante contribuem para que desgracados existam que estão meses e meses à espera do vencimento e outros, como os membros da Comissão Central de Equiparação, que estão um ano sem reunirem, para dar cumprimento à missão que lhes incumbiram, mas esses de maneira alguma, ainda que isso muito pese aos Carlos de Oliveira podem representar o funcionalismo.

O funcionalismo na sua maioria é trabalhador e pouco a pouco irá compreendendo que, não empunhando as armas como os militares nem como eles dispostos ao que se diz a fazer uma riveirada, está contudo apto a dispensar os politicos e a gerir sozinho aquilo que até aqui acompanhado tem feito e certamente com maior proveito para a colectividade e maior resultado para o contribuinte, pois que de maneira alguma consentirá, essa cêgaa das categorias, essa vergonha das diferenças e essa miséria que é a Assistência Publica, a Instrução e os meios de transporte, e se não veremos...

Paulo EMÍLIO

COLISEU

NOTA-2 sensacionais espectáculos 2-NOTA
Maga.f.co e extraordinário programa da

Grande Companhia de Circo

A's 14,30 (2 e meia)
SURPREENDENTE MATINÉE
Illosos e engraçados intermédios cómicos

A's 21 (9 da noite)
GRANDIOSO ESPECTÁCULO
Original, maravilhosos e emocionantes trabalhos

MISS QUINCY
Notável e extraordinário successo

A'manhã—Espectáculo da moda
E TREIA da celebre «troupe»

ALEGRIA, ENHART & C.
O maior successo da America do Norte
Luxo—Elegância—Arte

'A Batalha' na provincia e arredores

Tires

Uma festa de auxilio

TIRES, 22.—Realizou-se uma festa de auxilio ao Construtor. Esteve bastante concorrida, cumprindo-se o interessante programa. Foram rifados vários objectos e o grupo musical «Solidariedade Operária» abrilhantou a festa, sob a regência de Alvaro Santos. Festas desta natureza são aqui sempre bem acolhidas, devido ao espirito de solidariedade existente na familia trabalhadora.

Perseguições

Visitas aos presos da esquadra do pátio D. Fradique

Comunicam-nos os presos que se encontram na esquadra do pátio D. Fradique, que as visitas na referida esquadra são recebidas todos os dias das 12 às 13 horas.

OS QUE MORREM

Alfredo Guardado

Vitimado pela tuberculose faleceu ontem Alfredo Guardado, fabricante de calçado, saindo hoje o préstito fúnebre da rua das Madres, 16, pelas 14,30, para o Cemitério da Ajuda, sendo o acompanhamento a pé.

HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de **A Batalha** acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no **Diário do Governo** de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de \$50.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abastecimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de **A BATALHA**.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Funcionários Municipais e Administrativos—Convindam-se os funcionários das Câmaras Municipais, das Juntas Gerais do Distrito e administrações de concelhos ou bairros do país, a nomearem delegados para assistirem a uma reunião, que terá lugar na Câmara Municipal de Lisboa, no dia 31 do corrente, pelas 13 horas, para se aprovar o projecto de estatutos de uma associação de socorros mútuos e providência, que foi apresentado pelos funcionários da Câmara de Mafra, os quais fazem êste convite e pedem aos interessados se digem comparecer a esta reunião de interesse para a classe.

ACREDITA:
R. traqueço geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico são têm um inimigo poderoso

A
NUCLEO CALCINA
TÓNICO ENERGIZANTE
ESCIÉNTIFICO
Usado pessoalmente pelos melhores primeiros médicos
Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras
LABORATÓRIOS DA VITAMINA SORMOSUM
Praça dos Restauradores, 15 LISBOA

Absolvido, e não condenado
Procurou-nos Joaquim Macedo, operário arsenalista, pedindo-nos que desmentissemos uma noticia que **O Século** publicou a seu respeito. Segundo esta, o queixoso teria sido condenado, num julgamento a que foi submetido, a uma pequena pena, quando na verdade foi absolvido por ínnimo opinião do júri na audiência de 19 do corrente.

APOLO

Repete-se hoje neste teatro o maravilhoso drama **O SALTIMBANCO** cujas scenas emocionantes anto têm despertado a atenção do público.

Remoção de presos

Vindos da Cadeia Nacional, onde terminaram as respectivas prisões celulares, por homicídio, deram entrada no Limoeiro os réus seguintes: Mário Teixeira, de Torres Vedras, marceneiro, 26 anos, e Inácio Rosa Monteiro, de Beja, cesteiro, de 31 anos.

Deu igualmente entrada no Limoeiro, vindo do Cartaxo, o preso João Luis Almeida, da Beja, comarca, serralleiro, 34 anos, condenado por homicídio. Aguardam destino.

Carteira perdida

Pede-nos Sofia Gallini, nossa camarada na imprensa, para aparmos para a pessoa que, ontem, na Praça da Figueira, encontrou uma carteira encarnada com dinheiro o favor de a entregar na nossa administração.

HOJE Repete-se a emocionante e dramática peça

O LADRÃO

—NO—
TEATRO DE SÃO CARLOS
que ontem obteve fervorosas aclamações salientando-se LUCILIA SIMÕES, ERICO BRAGA e ALMADA.

Linhas e originaes «folhetes» apresentados por LUCILIA SIMÕES

SCENÁRIOS CHEIOS DE REALISMO. ENSCENAÇÃO da professora LUCINDA SIMÕES

DESPORTOS

Sapadores Atlético Club

A taça e 3 medalhas para disputar no próximo domingo, numa corrida pedestre de Sapadores, ao Campo Grande e volta, encontram-se expostas no estabelecimento do sr. Evaristo Ferreira Baptista, na rua dos Sapadores, 163 a 171, e a inscrição continua aberta na rua do Vale de Santo António, 260, 1.º.

Os jornalistas desportivos e a A. F. L.

Reúniram ontem os jornalistas desportivos dos jornais **A Batalha**, **Correio da Manhã**, **Diário de Lisboa**, **Diário da Tarde**, **Epoca**, **O Mundo**, **O Século**, **Os Sports** e **A Tarde**, para apreciar a resposta da A. F. L. e dos Clubes da Divisão de Honra, que por esta foram consultados sobre o ingresso dos jornalistas nos campos de futebol. Após uma última demarche a efectuar rapidamente, a solução será impreterivelmente dada a público na próxima quinta-feira.

FUTEBOL

Jogos para hoje

Divisão de Honra—Sporting-Vitória, no Campo Grande: 1.ª categoria, às 13,30; 2.ª categoria, às 15,30; 3.ª categoria, às 11,30; 4.ª categoria, às 9,30.

Império-União, em Palmavã: 1.ª categoria, às 15,30; 2.ª categoria, às 13,30; 3.ª categoria, às 11,30; 4.ª categoria, às 9,30.

Belenenses-Casa Pia A. C., no Stadium: 1.ª categoria, às 15,30; 2.ª categoria, às 13,30; 3.ª categoria, às 11,30; 4.ª categoria, às 9,30.

Benfica-Carcavelinhos, no Restelo: 1.ª categoria, às 15,30; 2.ª categoria, às 13,30; 3.ª categoria, às 11,30; 4.ª categoria, às 9,30.

Divisão de Promoção Grupo A—Operário-Bom Sucesso, em São Vicente: 1.ª categoria, às 15,30; 2.ª categoria, às 13,30; 3.ª categoria, às 11,30; 4.ª categoria, às 9,30.

Hockey-Portugal, nas Laranjeiras A: 1.ª categoria, às 13,30; 2.ª categoria, às 15,30; 3.ª categoria, às 11,30; 4.ª categoria, às 9,30.

Um novo teatro em Montemor-o-Novo

MONTE-MOR-O-NOVO, 28.—Foi ontem lançada a primeira pedra para a edificação do novo teatro desta vila, que recebeu o nome de «Curvo Semedo».

A-pesar da chuva torrencial que se fez sentir à hora da cerimónia, esta teve uma grande importância, assistindo grande número de pessoas de todas as camadas sociais.

Foi muito notada a ausência da actriz D. Clara Baptista, uma das principais subscritoras desta importante obra.—C.

SÃO CARLOS

Erico Braga, o elegante galã, teve ontem, no final do 2.º acto do trágico **LADRÃO**, várias chamadas especiais pela forma sóbria com que transcendeu com a grande artista Lucília Simões.

INSTRUÇÃO

Escola Oficina n.º 1

Com uma numerosa frequência de alunos reabriram as aulas desta benemerita instituição de ensino. Para atender grande número de pedidos, a direcção resolveu abrir desde já a matricula de novos alunos ordinários e extraordinários. A idade de admissão para os alunos ordinários é de sete anos, ministrando-se-lhes o ensino gratuitamente; a admissão dos extraordinários faz-se com qualquer idade mediante uma pequena mensalidade.

Todos os esclarecimentos se prestam na secretaria da Escola, largo da Graça, 58.

TIVOLI
TEL. N. 3474
A'S 8 HORAS E 3/4
CINEMA-CONCERTO
A MULHER MAIS BONITA DO MUNDO
Film principal em oito partes
Orquestra de arte sob a direcção de Niccolino Milano—No programa musical:
Pueria de tierce..... Albeniz
Capricho español..... Bizsky Korsakoff
Sonho de amor..... Liszt
Marcha festiva..... R. Strauss
A dor de Randell..... Zöllner
Bambas persanes..... Messergaly
e outros números.

Sociedades de recreio

Academia Filarmónica Verdi.—Realiza-se hoje a continuação das festas da escola primária que esta sociedade esforçadamente vem mantendo. Haverá lanche às crianças, exposição de trabalhos dos alunos, sessão solene e concerto musical.

Sociedade dos Calceteiros Municipais.—No jardim da praça José Fontana, no Matadouro, no coreto ali existente, realiza-se hoje, das 15 às 17 horas, um concerto executado pela Banda União Chelense, regida pelo seu maestro sr. Vila Nova, que gentilmente accedeu ao convite que a direcção desta Sociedade lhe dirigiu, a fim-da referida banda finalizar a série de festas que na sua sede se efectuaram.

Sociedade Recreio Operário a Portugal.—A's 21 horas, baile.

TEATRO APOLO

TEL. FONE NORTE 4129

—HOJE—
O extraordinário drama

O SALTIMBANCO

Os principais papéis

por BERTA DE BIVAR e ALVES DA CUNHA

ÓTIMA INTERPRETAÇÃO
Conjunto harmoniosíssimo

Ensaio de Araújo Pereira

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A educação moral da criança na familia

Por Benoit Boachy.—Tradução de Emilio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e pais devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço \$500, pelo cor. 5533. A' venda em todas as livrarias.—Pedidos à livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29—Lisboa

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Abertura de São Carlos e Politeama

«O Ladrão», de Bernstein e a «Zilda» de Alfredo Cortez

Só falta que o Gimnásio e o Nacional abram as suas portas para que Lisboa fique possuindo no inverno cinco teatros com companhia de declamação. Foi Alves da Cunha que deu o exemplo inaugurando a sua temporada no Apolo e, quando a lista destes teatros estiver completa no funcionamento teremos de notar com prazer que a desorientação ultimamente firmada nas casas de espectáculo da capital, tende a desaparecer por forma a restabelecer géneros de peças que indistintamente eram exibidas nos vários palcos.

Acrescentadas a estas notas os teatros de opereta e revista, facilmente se verá o que afirmamos.

O velho Gimnásio, segundo a orientação que lhe vai ser dada terá a farça e comédia dos seus tempos gloriosos, como o Apolo já tem o velho drama, o Trindade a opereta. Só o São Luís não deseja voltar à sua tradição brilhantíssima de teatro de declamação e o São Carlos acumula esta com a ópera lírica.

Depois do Apolo coube agora a vez ao Politeama e a São Carlos; no primeiro a peça «Zilda», no segundo «O Ladrão». De uma e de outra está devidamente feita a critica. Alfredo Cortez é dos talentos mais interessantes da moderna geração dramática. Manejador fácil e elegante do nosso idioma, observador demorado de pessoas e de meios, construtor hábil de peças, o autor da «Zilda» impõe-se pelo seu trabalho de dramaturgo. A sua «Zilda» é uma obra moderna que foca uma dessas mulheres destrambelhadas *coquettes*, de que alguns *specimens* existem no meio burguês de todos os países, embora talvez no nosso com muito menos frequência. Amélia Rey Colaço a inteligente actriz que Lisboa considera foi a mesma intérprete conscienciosa de sempre, cujas inflexões e articulações quasi se podem considerar impecáveis.

Em São Carlos, Bernstein, o famoso dramaturgo do «Après-moi», «Israel» e «Sam-são», foi mais uma vez representado por essa grande figura do nosso teatro declamado que se chama Lucília Simões, tanto na companhia Robles Monteiro-Amélia Rey Colaço, como na de Lucília-Erico Braga, os outros artistas diligenciaram secundar o trabalho das suas figuras máximas, sendo apreciável o esforço de Robles, Erico, Alexandre de Azevedo, Joaquim Almada e Emilia de Oliveira.

Em papel secundário mas acertadamente feito distinguimos na companhia do Politeama a actriz Elisa Vaz, que foi uma óptima caracterista.

Maria Cristina tem qualidades, mas precisa ainda estudar muito.

Os cenários de gosto, especializando na «Zilda» o de Milly Pussoz, no 3.º acto. Correctas as direcções artisticas. Como sempre primorosa a encenação do grupo musical de São Carlos. Do jazz-band do Politeama que se fez ouvir no salão, discordamos francamente. Nem parece tratar-se da época Amélia Rey Colaço-Robles Monteiro...

Nogueira de BRITO

Concertos sinfónicos

MARCO POSTAL

Coimbra.—A. S. Januário.—Segue a cobrança na quantia de 950, correspondente ao 1.º trimestre, um pacote com os números da *Renovação* já publicados. Não podemos estar a fazer cobrança em dias certos. Rede.—Camilo Teixeira.—Conveniência de redacção, sua correspondência recebida antes foi actualizada. Extremoz.—Associação Rural.—Não recebemos os vossos estritos. Vêde aí no correio qual o motivo da falta.

Agenda de ABATALHA

CALENDARIO DE OUTUBRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	12	19	26		Aparece às 5,56
T.	13	20	27		Desaparece às 17,45
Q.	7	14	21	28	FASES DA LUA
S.	15	22	29		L. C. dia 24 às 5,23
S.	16	23	30		Q. M. " 24 " 18,34
S.	17	24	31		L. N. " 24 " 18,6
S.	18	25			Q. C. " 24 " 18,38

MARES DE HOJE
Praiamar às 8,37 e às 9,22
Eaixamar às 1,24 e às 2,07

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$25	95\$50
Madrid cheque		2\$82
Paris, cheque		\$84
Suiza, cheque		\$381
Bruxelas cheque		\$90
New-York, cheque		19\$70
Amsterdão, cheque		7\$94
Itália, cheque		\$78
Brasil, cheque		\$300
Praga, cheque		\$59
Suécia, cheque		\$528
Austria, cheque		\$278
Berlim, cheque		\$470

ESPECTACULOS

TEATROS
Nacional.—Não há espectáculo.
São Carlos.—A's 21,30.—O Ladrão.
Politeama.—A's 21,30.—Zilda.
Fleto.—A's 21,15.—O Salmibanco.
Ginásio.—Não há espectáculo.
São Luís.—A's 21.—«A Montaria» e «Canção do Ovídeo».
Trindade.—Não há espectáculo.
Reneida.—A's 21,15.—O Pão de Ló.
Eden.—Não há espectáculo.
Maria Vitória.—A's 20,30 e 22,30.—«Rataplan».
Coliseu.—A's 21.—Companhia de circo.
A's 14,30.—Matinée.
Eden 305.—Animatógrafo e Variedades.
Gil Vicente (a Graca).—A's 20.—Animatógrafo.
Lenteia Parque.—Todas as noites. Concertos e diversões.
CINEMAS
Tivoli.—Olimpia—Central—Condes—Chiado Terras.—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.
Telefone — 539 Trindade
Escritório:
Calçada do Combro, 38-A. 2.º

FOTOGRAFIAS do Congresso Confederal

Na nossa administração encontram-se à venda fotografias do Congresso Confederal, ao preço de 10\$00.
Satisfazem-se todos os pedidos que venham acompanhados da importância respectiva e mais \$50 para porte de correio.

25-10-1925 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 559

mas não suceder assim: em lugar de começarem a acção do seu lado, os chefes de guerra ganharam tempo por meio de falsas manobras, deixaram Joana em primeiro lugar avançar com as suas tropas contra os ingleses, esperando que estes, não sendo obrigados a dividir as suas forças, como ela esperava, a esmagariam concentrando-as.
Ignorando esta nova traição dos cavaleiros, a Donzela deu ordem a mestre João que abrisse o fogo contra as muralhas, a fim de proteger a descida das tropas ao fosso; elas puzeram-se em movimento, mas não podendo suportar a ideia de ficar pregada em cima do seu cavalo em lugar de tomar parte activa neste combate decisivo, a guerreira, apesar da sua ferida da véspera, apeou-se, subjugou agudos sofrimentos, bem depressa esquecidos na efervescência do combate, e, com o seu estandarte na mão, é a primeira a marchar para o assalto.
Os ingleses eram comandados pelos seus mais ilustres chefes, encerrados nas Tournelles; a saber: o senhor de Talbot, o conde de Suffolk, Gladescall, e outros mais. Estes capitães, desesperados das suas recentes derrotas, queriam vingá-las a todo o custo.
Este dia supremo ia decidir da sorte de Orleans, e talvez do domínio inglês na Gália; era preciso, por meio de uma vitória brilhante, restabelecer a força moral das tropas, que se achavam bastante desanimadas. Os chefes reúnem os seus soldados mais distintos, vencedores em vinte batalhas, lembram-lhes as suas vitórias passadas, sobreexcitam o seu orgulho nacional, reanimam o seu ardor marcial e conseguem desvanecer mais uma vez do espírito dos seus homens o terror supersticioso com que os impressionou a Donzela. Os franceses experimentam uma resistência furiosa e encarniçada; três vezes sobem ao assalto, aqui pela brecha, acolá escalando as Tournelles, e três vezes são repellidos, as escadas lançadas de pernas para o ar, e quebradas de baixo do peso daqueles que trepavam a elas; um gransio de balas e de flechas cai sobre os franceses: o fundo do fosso fica inundado de

mortos e de moribundos. Mestre João, depois de abrir brecha na muralha, tinha conseguido reunir-se a Donzela no momento em que ela se arremessava a uma escada que alguns intrépidos combatentes pela quarta vez aplicavam ao pé de uma torre elevada; mestre João segue a guerreira, ela tinha já subido alguns escadões, quando foi apanhada por uma flecha no intervalo que separa o gorjal da coiraça, dardo comprido e afiado, arremessado com uma força tal, que, atravessando de parte a parte a armadura da Donzela, entra-lhe à nascença do seio, sai em parte no lado inferior do ombro e fica enterrado nesta profunda ferida.
A heroína, derrubada para traz pela violência do golpe, cai nos braços do artífice que subia atrás dela; ele, com o auxílio de alguns milicianos, consegue transportá-la desfalecida para fora do fosso e colocá-la em cima da relva ao pé de uma grande árvore, quase ao abrigo dos projecteis inimigos. Tornando-se muito pálida, sentia-se morrer, dizia ela...; mas conservava toda a sua presença de espírito e deplorava amargamente a inércia dos capitães, que, não tendo atacado Tournelles do lado da cidade, pela sua traição, comprometiam uma vitória certa. No mesmo instante Daulon, que havia sido instruído da ferida da guerreira, chega, e vendo-a tão gravemente ferida, exclama que, para impedir que ela seja sufocada pelo sangue, é preciso, sem perda de tempo, desafiá-la a coiraça e arrancar o ferro da ferida...
A estas palavras o pálido rosto de Joana tingue-se de púrpura, e o seu pudor revolta-se a ideia de expor os ombros e os seios nus aos olhares dos homens que a rodeavam, e a sua apreensão era tão pungente que ela não pôde reter as lágrimas, lágrimas tocantes arrancadas não à dor do corpo, mas sim à castidade da alma.
Mestre João, que também já tinha sido ferido muitas vezes, afirma que deixar apenas alguns momentos mais o ferro na ferida, é expor os dias preciosos da heroína; com efeito, cada vez mais oprimida, ela julgava-se próxima da sua agonia, contudo ela não que-

ria morrer ainda; a sua missão não estava terminada. Ela invoca as suas santas, conforta-se por meio desta oração mental, que lhe dá a coragem necessária de se resignar a uma necessidade cruel para o seu pudor; mas antes de permitir que se ocupem do curativo da ferida, Joana ordena a suspensão do assalto, acrescentando que as tropas deviam descansar. Em seguida encarrega Dunois, que corre junto dela com La Hire e Xaintrailles, que mandasse no mesmo instante a Orleans um dos capitães informar-se das causas da fatal inacção dos outros chefes de guerra e de lhes ordenar expressamente que antes de uma hora comecem o ataque do lado da ponte, ou pelo menos fazer aproximar de Tournelles os brulotes de Poitevin o marinheiro; o sino de alarme deveria dar o sinal para estas operações.
As trombetas tocavam a retirada ás aclamações triunfantes dos ingleses, embriagados com este primeiro sucesso; mas graças á valente exaltação inspirada pela heroína aos seus soldados, estes pedem em altos gritos para voltarem em breve ao assalto, a fim de a vingarem. Um círculo de sentinelas, postadas a pequena distância da árvore ao pé da qual a tinham estendido, contém a custo a multidão inquieta e fremente de angústia.
A guerreira, corando de confusão, permite ao escudeiro que lhe desafiá-la a coiraça, e com mão firme arranca ela mesma o ferro do seio, sem que pudesse sufocar um grito de dor. Dunois e outros capitães queriam mandá-la transportar para Orleans, onde seria mais bem tratada, diziam eles, propondo-lhe também que adiasse o combate para o dia seguinte; ela opõe-se a isso, e afirma que se os chefes de guerra a auxiliarem, pôsto que tardiamente, do lado de Orleans, apenas o ataque começar o êxito é certo, e termina dizendo a Dunois:
—Mande tomar algum alimento a nossa gente; voltaremos ao assalto; os fortes de Tournelles hão de ser nossos, com a ajuda de Deus!
Depois de arrancado o ferro da ferida, a guerreira

consentiu que lhe curassem; o que a sua castidade sofreu neste momento excedeu os mais duros sofrimentos físicos... Quando, depois de se lhe ter tirado a coiraça e a pele de bufalo, ela sentiu a camisa molhada de sangue, que era a única coisa que lhe cobria ainda os ombros e o seio, e que a viu afastar pelas mãos do escudeiro, comovido e respeitoso, Joana, tremendo como varas verdes, fechou involuntariamente os olhos dir-se-ia que ela esperava d'este modo cear debaixo das suas pálpebras os olhares que ela temia... Mas a virgem da patria era tão sagrada para todos, que nem sequer a sombra de mau pensamento turbou o piedoso enternecimento daqueles que viram assim a formosa guerreira meia nua.
Daulon, assim como todos os escudeiros de profissão, era perito em cirurgia; ele trazia consigo numa caixinha de coiro, suspensa ao lado, panos de linho, fios e um frasco de balsamo. Aplicou o primeiro aparelho na ferida que, a seu ver, era tão perigosa que Joana cometera uma grande imprudência se voltasse ao combate; ela foi inflexível a este respeito. Experimentava já tanto alívio, dizia ela, que apenas sentia a sua ferida; o seu gorjal, depois de ser estreitamente afivelado, seguraria o aparelho; ela pediu somente, a fim de mitigar a sede que a devorava, algumas gotas de um liquido qualquer. Mestre João foi encher a um regato que se achava ali próximo, uma cabaca que estava meia de vinho, que ele ofereceu á guerreira; ela matou a sede, tornou a vestir a armadura, levantou-se em pé e deu alguns passos, a fim de experimentar as suas forças.
As suas feições angélicas, palidas pela perda do sangue, em breve recuperaram a sua expressão serena e resoluta; ela pediu áqueles que a rodeavam que se retrassem por um momento, ajoelhou junto do velho carvalho, ergueu cheia de devoção as mãos para o céu, suplicou e agradeceu ás suas boas santas de a terem livrado de um perigo mortal, e rogou-lhes que a ajudassem e a protegessem ainda. Quasi em seguida ouviu as vozes misteriosas murmurarem-lhe ao ouvido:

Chapelaria A SOCIAL
Cooperativa dos Operários Chapelheiros
Grande sortimento em chapéus, lãos e meias em cores lindíssimas, formados dos mais afamados fabricantes estrangeiros
GRANDE NOVIDADE
Especialidade em chapéus de seda
FLAMÃO
Chapéu mole, novo modelo americano muito elegante, só na **A SOCIAL**
Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º
—ESTABELECIMENTOS—
Sede: —31, Rua Fernandes da Fonseca, 33
1.ª Sucursal: —Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A
2.ª Sucursal: —Rua do Corpo Santo, 29
3.ª Sucursal: —Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56 52
FÁBRICA DE BONETS —Chapéu modelo jaurés (Exclusivo)

Companhia Nacional de Navegação
Saídas em Novembro
Dia 1, para Funchal e portos da Africa Ocidental e oriental, o paquete
LOURENÇO MARQUES
Dia 15, para Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete
AFRICA
Saídas em Dezembro
Dia 1, para Funchal e portos da Africa Ocidental e Oriental, o paquete
ANGOLA
Dia 15, para Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete
PEDRO GOMES
Saídas em Janeiro de 1926
Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e Oriental, o paquete
MOÇAMBIQUE
Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o vapor
CUBANGO
Saídas em Fevereiro
Dia 1, para o Funchal e portos da Africa Ocidental e Oriental, o paquete
LOURENÇO MARQUES
Dia 15, para o Funchal e portos da Africa Ocidental, o paquete
AFRICA

LUESAN
Anti-sifilítico eficaz, cómodo e económico adaptado por distintos clinicos
vêm nos principais farmaceuticos
Depósitos em Lisboa:
Farm. Azevedo, Irmão & Veiga-R. do Mundo, 24
Farmácia Azevedo, Filhos—Rossio, 31-32
Depósito no Porto:
Farm. dr. Moreno-Largo de São Domingos, 42-44

LIMAS NACIONAIS
UNIAO
Só a grande falta de propaganda tem vindo a fazer com que as limas nacionais não sejam conhecidas em Portugal. Estas limas estranhas, visto que as limas nacionais "Tour" da Empresa de Limas Nacionais, são as melhores do mundo. Experimentem, pois, as vossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES
Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.
Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em
A MUNDIAL
Companhia de Seguros
Sede -- Rua Garrett, 95 LISBOA
Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada
IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sobre-prémio, A MUNDIAL pôr-vos-há ao abrigo da **DOENÇA E INVALIDEZ**

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª
FERRAGENS E FERRAMENTAS
Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fuzos para cadeiras, —guarnições para móveis—
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimónio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.
24, R. do IMPERIO, 86--LISBOA—TELE. fono, 3930, N. gramas, FERRAGENS

!! SENHORAS !!
Garantia absoluta contra as perturbações que a gravidez possa causar
Usai os "Ovules Sterelisatrices" Z. O. L.
Enviam-se instruções pelo correio em carta fechada
A' venda no depositário geral para Portugal e Colónias—Fernando da Silva, 188, Rua da Madalena, 190, e na Farmácia Mendes Braga, 133, Rua do Mundo, 135; Farmácia Portugal, Rua Augusta, 218, e no Porto: Farmácia Central de Salgado Lencart, Rua 31 de Janeiro, 292.

Aos operários empreiteiros de obras de construção
Vendem-se madeiras de pinho nacional de 1.ª qualidade em tócco e aparelhadas, janelas, portas, caixilhos e todos os materiais para construção, incluindo ferragens e executam-se trabalhos que dizem respeito a serração e carpintaria mecânica, dando-se orçamentos grátis, concorrendo-se em toda a espécie de trabalhos.
Preços resumidos com desconto aos revendedores.
Rua D. Estefânia, 111 e 113—Horla das freipas, 2 e 3

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
SÓ COM O LUCRO DE 10%
NA
SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
Sapatos para senhora 3\$43
Sapatos em verniz 3\$80
Botas pretas (grande saído) 4\$83
Botas brancas (saído) 2\$81
Grande saído de botas pretas 5\$83
Botas de cor para homem 4\$83
Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outras casas.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua, ch.º Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 69.
PEDRAS PARA ISQUEIROS
Metal Auer, assim como todas as pedras para isqueiros, tubos, molins, chamas de 2 e 3 peças, lampões. Vendem-se na Largo Conde Barão, n.º 55 e 56, quiosque.
Dirigidos por Francisco Pereira Lata e a casa que trabalha em melhores condições.

Milhares de curas

SE DEVEM AO **HERPETOL**
Unicóremédio eficaz para as doenças de PELE
Esta doença foi torturada por uma forte comichão. Depois de ter usado várias pomadas e outros ingredientes que aos pais aconselhavam, resolveram consultar o médico, o qual receitou um frasco de HERPETOL.
pela, que tinha a aparência escamosa muito irritada, forçando a criança a um permanente coçar, logo ás primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sensivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.
E' recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas emorduras de insetos.
A' venda em todas as farmácias e R. da Prata, 257, Lisboa, e na R. das Flores, 153, Porto.

Damos
Por menos de metade do preço, por motivo de dissolução de sociedade, todas as nossas fazendas de lã para fatos, sobretudo e casacos de senhora. Fazendas de lã para fatos em todas as qualidades, padrões e cores, desde 8\$50. Retalhos em boas medidas, quasi de graça
DONAS
Fabricantes de Lanifícios—Depósito de venda a retalho (Directamente ao público)
EM LISBOA
Rua dos Fanqueiros, 187, 2.º
NO PORTO
Praça da Liberdade, 115
Avenida dos Aliados, 1 e 5, e Rua Fernandes Tomás, 392, A

FOTOGRAVURA TRICROMIA ZINCOGRAFIA DESENHO
GRANDE PREMIO RIO DE JANEIRO 1908
GRANDE PREMIO E MEDALHA DE OURO LISBOA 1913
PREMIO DE HONRA LEIPZIG 1914
OFICINA FOTOMECANICA
Largo do Conde Barão 49 LISBOA
TELEFONE 2554
Uma dedicada
camarada professora precisa duma auxiliar, instruída, de meia idade, para a ajudar na aula e nos serviços caseiros. Será tratada como pessoa de família. Resposta para a administração deste jornal, com as iniciais F. A. M.
CLINICA DO CHIAO
RUA GARRETT, 74, 1.º
TELEFONE C. 4186
Doenças venéreas
Para as classes pobres. Das 12 ás 14 h.

FÁBRICA
de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.ª
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

REUMATISMO
Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular
"Reumatina"
24 horas depois não tem mais dores
"Reumatina"
E' inofensiva porque não exige dieta
Preço 8\$00
"Reumatina"
Vende-se em todas as boas — farmácias e drogarias —
Pó Anti-blenorrágico
E' o mais poderoso combatente das blenorragias crónicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes
Caixa 10\$00
Depósito Geral:
A. Costa Coelho
Bomjardim, 440—PORTO
TUDO AOS MONTES

(A todos interessa)
Pórtio, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, India, Loanda, Moçambique, Congo, Guiné, etc.
Não tem agentes a casa
PREFIRENDO DIRECTAMENTE aos fregueses pelos preços 40 0/100 MAIS BARATO que é o que os agentes levam a mais. FAÇA A VOSTRA PRÓPRIA SELECÇÃO SEM BEM SERVIDOS e rápido a **GRANDE FÁBRICA** onde se fazem essas lindas CHAPAS e que duram para sempre e letras esmaltadas para ruas, estabelecimentos, etc., e outras lindas e bonitas para Sport, clubes, medalhas para corridas (artigos de Barba), Giletes mais baratas. Estojos de metal branco com máquina e lâminas Giletes 5\$00. Navilhas, máquinas para cortar cabelo, máquinas de 4 rolos para as afiar. Tesouras finas superiores a 1\$00 que outros vendem a 2\$00 e canetas de tinta permanente com pena de ouro a 1\$00, que os outros vendem pelo dobro, canivetes, CARIMBOS, numeradores a tinta, a repetirem o número até 12 vezes, ditos para cheques a a picotar o número e com data, selos em branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e repartições, sinetes para lacre e roupa, etc., alcaites de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sardinhas, fichas de metal para 100, cafés, fabricas, etc. Isses lindos suets a Freire, em aço e ouro com brações e monogramas, cueiros importados do Portugal, chapas e letras para marcar coxetes e preços, lâmpadas e instalações eléctricas, isqueiros e pedras, etc., etc. UNICA na Europa completa.—A. L. Freire, 159 a 164, R. do Ouro.—Telef. 2639 C.—Peçam á cobrança para tudo lhe se remeter.

Policlinica da Rua do Ouro
Entrada: Rua do Carmo, 98
Telefone N. 5353
Medicina; coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 4 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Fele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 horas.
As 9 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—4 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—4 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—4 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Beja—4 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.
Eoca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Rins—Dr. José de Pádua—4 horas.
Análises—Dr. Gabriela Beato—4 horas.



A HORA É REVOLUCIONÁRIA

Para que a situação actual seja revolucionária é necessário que ela reúna três condições:

1.º. Um concurso de circunstâncias excepcionalmente graves que comprometam a responsabilidade da classe dirigente e as instituições sobre as quais repousa o regime capitalista.

2.º. Dificuldades de toda a ordem: tão constrangedoras que exijam uma pronta solução, e de tal natureza, que os governantes pareçam e sejam na realidade, incapazes de resolver os problemas presentes.

3.º. Na classe oprimida: inconsciência, desordem, incoerência, desequilíbrio; na classe oprimida: mentalidade rebelde, cultura revolucionária, organização vigorosa; existência de uma minoria agitadora, susceptível de inspirar aos militantes que ela anima uma confiança esclarecida e sólida na urgência e fecundidade de uma rebelião, tendo por fim destruir o existente e construir para o futuro.

Para distinguí-las, qualifico as duas primeiras condições de materiais e a terceira de moral.

Agora, resta-nos saber se estas três condições existem realmente.

A primeira existe certamente, não só em França, mas em todos os grandes Estados. Uma simples enumeração, sem exposições, bastaria para demonstrar a existência da primeira condição material.

Todas as nações ditas civilizadas—estilo burguês—atravessam uma crise financeira profunda, suportando um mal estar industrial e comercial considerável. A instabilidade e a crise do trabalho intenso e prolongado e a vida excepcionalmente cara, o desequilíbrio económico, não têm precedentes e por outro lado o caos político é indescritível.

Todas estas circunstâncias encadeiam-se umas às outras; pela sua própria complicação, obrigam as potências endinheiradas, sob pena de paralisia geral, a constituir, nacionalmente e por grupos de nações, «trusts» enormes, condenados, para viver, a uma extensão sem limites.

Quer a gente trate do trigo, petróleo, ferro ou carvão; quer dos meios de transporte ou comunicações bancárias, certas organizações colossais, dirigidas fatalmente umas contra as outras, rivalizam em apetite e cobiça, que, mais tarde ou mais cedo, mas inevitavelmente, só poderão liquidar-se no sangue das multidões imoladas a estes imperialismos competidores.

No interior de cada país, só há desordem e incoerência; a vida cada vez mais cara, a desconfiança no dia de amanhã, os salários desviando-se cada vez mais das necessidades de existência, os impostos cada vez mais pesados, os partidos, perfeitamente falhos de juízo, o descontentamento geral, os gastos desenfreados dos de cima e uma miséria sempre crescente dos de baixo.

Este terrível lodagal agrava-se pela constante ameaça de uma nova conflagração iminente, que será muito maior, em ruínas, na perda de vidas humanas e em horror, a última guerra, a ideia da qual, no entanto, o universo agita e estremece.

No exterior, os impérios coloniais dos que tanto se orgulham e se pretendem civilizados, estão profundamente emocionados. Tributários, por direito de conquista, de domínio ou protectorado, das metrópoles europeas, dois imensos continentes, a Ásia e a África, sublevam-se—por fim!—com o ardente e legítimo desejo de libertar-se.

O crescente sublevar-se contra a cruz; o Oriente oprimido insurrecciona-se contra o Ocidente opressor e tudo faz prever que os tempos se aproximam para que estas raças insurreccionadas despedaçem as cadeias da brutal «colonização».

Não é necessário ser-se muito versado nas letras para se reparar que cada uma destas circunstâncias e, com maior razão, o conjunto destes factos trazem consigo problemas escabrosos que comprometem formalmente a responsabilidade das classes dirigentes e põem em jogo, pela obrigação e urgência em resolvê-los, a existência das instituições sobre as quais repousa o mundo capitalista.

Eis, com toda a evidência, a primeira condição plenamente comprovada.

A segunda não o está menos.

Não creio que haja alguém que pretenda que os governos estão em condições de opor um remédio eficaz à incalculável soma de dificuldades a que têm de fazer frente imediatamente e, em todos os casos, muito prontamente.

O que fazem os governos? Abramos os olhos: os chefes de Estado, os ministros, diplomatas, os grandes capitães da finança, do comércio e da indústria, vacilam, balbuciam, atarantam-se, contradizem-se, fecham voluntariamente os olhos, procuram ganhar tempo, desculpa-se, atrapalham-se, mentem, acusam-se mutuamente de imprevidência, de hipocrisia, incapacidade e traição; desertam, peroram, declamam, discutem, legislam, decretam, ameaçam, agitam-se, enervam-se, perdem a cabeça, reprimem e executam.

Bom sistema!

E depois?

Depois, embora eles o neguem, dão a impressão, para toda a pessoa clarividente, de que os acontecimentos são superiores às suas forças, e que no quadro social os emplastos de nada valem; que os governantes são verdadeiramente incapazes de remediar uma situação a tal ponto catastrófica.

Eis pois a segunda condição comprovada como a primeira.

Vejamos a terceira e última condição: a condição moral.

Nos factos a situação é revolucionária; nunca o foi tanto. Creio que já o demostrel.

Mas isto não basta. Eu não pertencço à escola socialista que, afirmando que as condições materiais são tudo, a vontade, a consciência, a mentalidade, as aspirações, as intenções e a perspicácia dos homens não são nada ou quase nada.

A razão, a história e a atenta observação dos factos, demonstram-me que a revolução não se pode fazer por si só, fatalmente, quando «tendo-se produzido e generalizado certos fenómenos e os estados económicos e políticos tenham chegado ao seu apogeu, a hora da revolução soará, quer se queira ou não, no ciclo da história, sem que os militantes nem os governantes tenham a possibilidade de retardar esta hora de avançar ou de a deixar passar».

Para entrar no domínio das realidades, o acto «revolucionário» tem necessidade de re-

volucionários que lhe imprimam a marca e a direcção do seu temperamento, da sua vontade, das suas concepções, do fim que desejam, do ideal que os anima e da estrutura social a que vão as suas preferências.

A maioria do proletariado vive na indiferença: o cinematógrafo, a dança, o desporto, a novela folhetinesca, a taberna, acaparam e embrutece um bom número de operários; eu não ignoro isso pois é mais do que verdade.

No entanto, existe na massa grande quantidade de homens e mulheres que estão comprometidos da necessidade de uma transformação social profunda e integral.

A sua cultura revolucionária é insuficiente, certamente; mas já está começada, desenvolve-se e completa-se a pouco e pouco.

Estas mulheres e estes homens suportam a lei, a magistratura, o exército, a pátria, a religião, a moral burguesa, os patrões, estamos de acordo.

Mas só suportam estas instituições porque a isso são forçados: não têm respeito à lei, veneração pela magistratura, nem o culto da pátria, nem fé religiosa, confiança no patrão, apego à moral burguesa, da qual estava saturada a classe operária há 20 ou 30 anos; estão dispostos na primeira ocasião a deitar por terra estas instituições e toda a sua noção herança.

Há uma minoria agitadora susceptível de arrastar e guiar a massa dos militantes mais ou menos educados, a imensa maioria dos trabalhadores espoliados pelo capital e subjugados pelo Estado.

Esta minoria possui uma mentalidade rebelde, uma cultura revolucionária e uma virilidade que, no momento oportuno, poderão elevá-la à altura das circunstâncias e ao nível da batalha a travar.

Não há dúvida de que esta minoria existe; custa algum trabalho vê-la porque está dividida e flutuante, mas existe.

Os seus membros encontram-se dispersos nas múltiplas formações políticas, económicas e sociais que, por vias diferentes, e às vezes opostas, se propõem, à excepção dos chefes, deitar abaixo o regime actual de miséria e servidão para instaurar um mundo de bem-estar e liberdade.

A debilidade de esta minoria provém da divisão e esta divisão procede da vontade dos chefes. Mas, paciência! Os militantes que tiveram o valor de sacudir o jugo dos chefes burgueses, terão também algum dia o valor de se subtrair à autoridade dos chefes do partido socialista, do partido comunista e organizações similares.

Então bastará que surja um desses acontecimentos que despertam a indignação na consciência revolucionária: a guerra; ou um desses grandes movimentos que sublevam as massas populares: a greve geral; ou um desses escândalos que põem à vista de toda a gente o podridão de um regime; bastará uma destas circunstâncias para que os elementos hoje dispersos e opostos, esta minoria agitadora, se unam ombro a ombro e de um só e mesmo esforço desencadeiem a tempestade.

Os anarquistas sabem o que têm a fazer para apressar a hora desta tempestade; também sabem qual o papel a desempenhar no seio dela.

Sebastião FAURE

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A favor de um aumento de salários na Inglaterra

Os ferroviários, os operários da construção civil e os operários dos estaleiros de construção naval da Inglaterra, três das mais importantes classes daquele país, estão actualmente empenhados em negociações para impedir a baixa de salários.

Enquanto as companhias ferroviárias pretendem reduzir os salários, a União Nacional dos Ferroviários e a Associação dos Empregados dos Caminhos de Ferro apresentaram um pedido de aumento ao Departamento Central dos Salários.

A Federação da Construção Civil pediu, por seu lado, a estabilização dos salários actuais por mais dois meses.

Quanto aos operários de construção naval, reuniram-se em Carlisle para retomar o inquérito sobre as causas da depressão nesta indústria.

Sebastião FAURE

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Um discurso do professor Keynes

Num discurso pronunciado na secção de Manchester da Federação das Indústrias Britânicas, o professor Keynes declarou que a causa do «chômage» na Inglaterra era ser o custo da produção ali muito mais elevado que nos países concorrentes.

Disse que lhe era simpática a classe operária na sua resistência contra as tentativas de redução de salários. Acrescentou que nenhuma redução é possível, sem que se trave uma luta social, cujos resultados não se podem prever.

Sebastião FAURE

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Como se reprimem greves no Panamá

A pedido do presidente da república do Panamá, as tropas dos Estados Unidos ocupam o seu território, para reprimir uma greve baseada no elevado preço dos alugueres das casas.

Os soldados americanos «saquearam» os escritórios do comité da greve, e carregaram sobre os operários que voltavam dum «meeting», tendo morto um grevista e prendido quarenta.

Sebastião FAURE

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Silves—Recebemos vale de correio e ofício. Mandámos fazer carimbo. Enviámos carta.

Núcleo do Barreiro—É necessária a presença dos vossos delegados à reunião do Conselho Federal.

Núcleo de Almada—Idem.

Núcleo do Seixal—Idem.

Pede-se aos Núcleos de Évora Faro, Fafe, S. Bartolomeu de Messines, Valença do Minho, Aljustrel e Tomar para enviarem as credenciais para os seus delegados com urgência.

Sebastião FAURE

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Sindicato dos Corticeiros de Aldegaleta

Reuniu este sindicato para protestar contra a baixa de salários que os industriais querem impor, sendo resolvido por unanimidade dar todo o apoio à Federação Corticeira Nacional e acatar todas as suas resoluções.

A assembleia tomou conhecimento da prisão de Manuel J. de Sousa, por causa dum carta anónima que o administrador recebeu dum chaceiro de Aldegaleta acusando esse camarada de atentar contra a vida de um grande potentado desta localidade. Foi resolvido protestar energicamente contra a detenção desse camarada e reclamar a sua imediata liberdade, nomeando uma comissão para ir instar com o administrador para tal fim.

Operários do mobiliário

Em próxima quarta-feira que se realiza a assembleia magna desta classe, com a seguinte ordem de trabalhos: nomeação de comissões de vigilância ao horário de trabalho e contra a fórmula de trabalho de empreitada, e fixação do salário mínimo.

A assembleia apreciará ainda a necessidade de se estabelecer uma distribuição equitativa de trabalho, indo, se tanto for preciso, até à redução das horas de trabalho.

Para distribuição dos avisos convocatórios da assembleia, a Comissão de Resistência solicita a todos os operários sem trabalho, a todos os que estão a trabalhar reduzido e a um operário por cada oficina a sua passagem pela sede do Sindicato até terça-feira à noite.

Manifesteram-se os operários da calçada de Lisboa

Não obstante a proibição do governador civil, da sessão do Sindicato Ferroviário, efectuou-se ontem na sede do Sindicato uma importante reunião da classe, para apreciar a pretensão de alguns industriais obreiros em reduzir os salários.

Na sessão que foi largamente concorrida, foi por vários camaradas verberada a atitude de tais industriais, sendo unânime a classe em resistir a tal pretensão, sendo no final aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Desenvolver uma intensa acção de resistência contra a baixa de salários;

2.º Proceder imediatamente à nomeação dos Comités de Oficinas;

3.º Desenvolver uma intensa campanha contra os obreiros, por serem os que mais directamente contribuem para a apreciação da indústria, e consequente amsinhamento dos operários que para tais indivíduos trabalham;

4.º Desenvolver entre a classe, e iniciar desde já, a propaganda tendente à neutralização da indústria, e bem assim defender o critério do estabelecimento da tabela única para a classe.

Reunião depois a comissão do movimento, deliberou que a classe reúna novamente em assembleia magna na próxima quinta-feira, às 21 horas, na sede do Sindicato.

Operários metalúrgicos

Conforme resoluções tomadas em reunião da Comissão Administrativa do S. U. Metalúrgico esta semana será editado um manifesto à classe convidando o pessoal das diferentes oficinas metalúrgicas a nomearem um ou mais delegados a uma reunião que se realizará, na próxima quinta-feira, pelas 21 horas, na sede deste sindicato para se estudar a forma de opor uma barreira à exploração capitalista.

As sessões magnas efectuam-se-ão nos seguintes dias:

Dia 3, às 20 horas, na sede do Sindicato, rua da Esperança, 122, 2.º; dia 4, às 20 horas, na rua Barão do Sabroso, 81, 1.º; ao Alto do Pinheiro, dia 5, às 20 horas, na rua de Marvila, 57, ao Poço do Bispo; dia 6, às 20 horas, na rua Paulo da Gama, 6, 1.º, a Belém.

Operários da Construção Civil

O delegado da Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil conferenciou ontem com o senhor Cunha Belém sobre a reabertura das obras da Maternidade. Por este senhor foi informado que as folhas para o levantamento da primeira prestação de 400 contos já transitaram da contabilidade do ministro do Trabalho para a contabilidade social daquele ministério, faltando apenas ser assinada pelo chefe da respectiva contabilidade para a Junta autónoma levantar a respectiva verba. Em virtude desta informação o delegado deste organismo procurará amanhã o sr. Bonjardim.

Na próxima terça-feira realizar-se-á uma conferência com o sr. Mira Feio sobre a reabertura das obras das antigas Encostas Postais.

O operariado têxtil da Covilhã prepara-se para um energético e decisivo movimento de protesto

COVILHÃ, 22.—A Associação dos Operários da Indústria Têxtil espalhou um manifesto convidando aos operários de lanifícios, a fim de reunirem ontem, pelas 19 horas.

Este apelo foi entusiasticamente correspondido por todo o «proletariado» covilhense, que muito antes da hora marcada já enchia por completo o edifício da associação, dissentindo animadamente e fazendo hipóteses sobre o provável resultado da assembleia.

Todos, dum forma unânime, condenavam energicamente o procedimento indigno dos industriais, em especial Júlio da Cruz e José da Cruz, e, sendo muito comentada a acção da Associação Industrial não responder aos ofícios que lhe foram enviados sobre salários.

Um nervosismo intenso fazia vibrar toda a assistência, faltando-se já em greve geral, comícios, etc., etc., mas, entretanto ia-se aguardando...

Eram 20 horas quando foi aberta a sessão, presidindo José Macedo, secretário por António Quintela e Francisco Seca.

Um enorme multidão, que tanto se agitava, serenou e estabeleceu-se um silêncio geral.

Depois do secretário lêr a acta da sessão transacta falaram alguns oradores sobre diversos assuntos, entrando-se depois na questão culminante.

Depois de José Carrilho, António Lopes Jorge e Francisco Alves da Costa, explicou dum maneira muito precisa o cami-

A audácia clerical

Uma carta de aplauso à atitude da professora Marcelina Vaz

Da nossa camarada Miquelina Sardinha, professora da escola que o Sindicato da Construção Civil de Ponte de Sôr mantém, recebemos a carta que gostosamente reproduzimos:

Camarada director de «A Batalha»—Acabo de ler em A Batalha de hoje a local A audácia clerical, que me fez traçar estas linhas, tal é a indignação que sinto pela nefanda obra que os reacçãoários vão fazendo chegar ao auge.

Esta Dona Alice, com o seu proceder vindo às escolas do estado insultar as professoras e ameaçar-las com o ministro da instrução, está naturalmente, habituada a seus vassallos obedecerem quando ordena, e por isso julga-se também no direito dos funcionários do estado lhe satisfazerem os seus caprichos.

A-pesar de nesta terra se cometerem muitos crimes, eu não quero ainda acreditar que um ministro da Instrução se possa amoldar às conveniências reacçãoárias dum Dona Alice qualquer, fazendo demitir uma professora que procedeu como devia não consentindo que durante as aulas dos seus alunos fôsse aquela mesma senhora expor as suas prédicas de fanatismo.

Mas, se houver um dia um ministro da Instrução que faça demitir um professor que na escola que tem a seu cargo, não admita propaganda religiosa, então que se faça ouvir um grito unânime de protesto não só do professorado liberal como de todas as criaturas de pensamento despoecado.

Termine camarada director, por endereçar a D. Marcelina Vaz do Nascimento bem como a todas as professoras que assim procedem, o testemunho da minha solidariedade. E para a tal D. Alice Cristóvão Pires e seus acólitos vai toda a minha repulsa pela execranda obra a que se dedicam: obscurecer o cérebro infantil.

Saída das vossa camarada—Miquelina Sardinha.

Sebastião FAURE

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

AS GREVES

A das chaceiras de Aldegaleta